

**VILMA ARÊAS. TROUXA-FROUXA.**  
(São Paulo, Cia das Letras, 2000)

**CROMO**

O outono estendeu uma capa de toureiro sobre o muro. Ainda flutua ao sol. Dentro o crepúsculo, soprando para longe as folhas de vidro da varanda. As sombras crescendo macias e quentes como as cinzas na lareira. As cabeças estão juntas e a página brilha sob a luz. Na voz o caroço de uma cereja passada boca a boca, molhada de saliva, e que bate nos dentes como um teclado musical.

**DUDU**

Cinco horas da manhã, a praça deserta, eu estava abrindo a banca quando vi que ele se aproximava meio bambo. Vinha da farra. Chegou e disse que queria mijar. Perguntou se eu sabia onde. Dei uma olhada na praça e apontei o Caldo Andrade. Era o único aberto. Pois ele desabotoou a braguilha, tirou o troço, mijou ali mesmo, ao lado da banca. Fiquei puto, mas não adiantava dizer nada. Ele foi se afastando pros lados da beira-rio, a sombra atrás, tão bamba quanto o dono. Peguei um balde, enchi no chafariz da praça e comecei a esfregar o chão, lavando o mijo. Quando o sol esquentasse ninguém ia agüentar a catanga e ninguém ia comprar jornal na minha banca. Pois de repente ele surgiu da quina da esquina, ainda mais bambo, me viu lavando o chão, teve um de seus costumeiros acessos de fúria. Espumava e rodava os braços ao redor da cabeça como um moinho de vento. Começou a berrar.

-- Mijo de pai, perfume de rosas. Respeite o pau que te gerou.

Fingi que não era comigo.

VILMA ARÊAS  
(IEL-UNICAMP)